



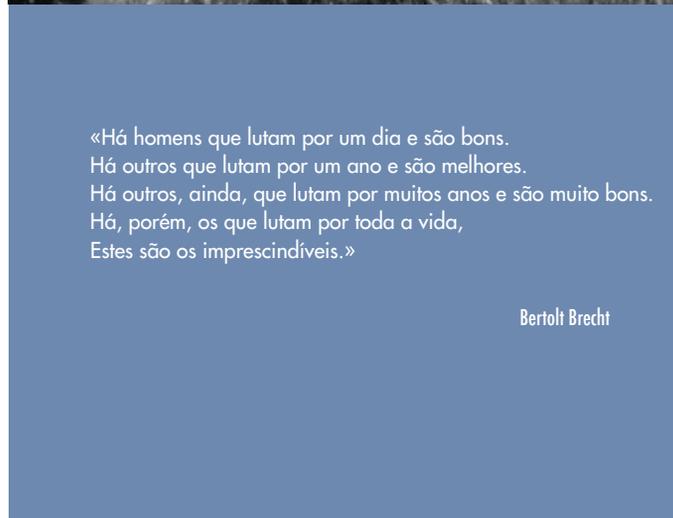
A CEGUEIRA

PARTE II

Metade da realidade vista é sentida. E o seu contrário? Talvez metade da realidade sentida seja também vista... Afinal de contas, e se pensarmos um pouco mais para além dos nossos pedestais mentais, a condição substancial do sentir, do ver, e até do não ver é a imaginação. Há um cérebro que comanda o coração. Mas há uma força maior ainda, presente não se sabe bem onde, que comanda o nosso cérebro. E que, por consequência, nos comanda a nós.

Quem disse um dia que, para saber sentir, é preciso metade de uma realidade vista? Para sentir basta ter imaginação. E, enfim, imaginação temo-la todos nós. Um problema matemático não se resolve sem um pouco de imaginação; um passo de dança não existe se não houver um ser com a capacidade de o imaginar; um dos comprimidos que tomamos quando, por exemplo, o nosso sistema límbico nos comunica dor ou quando não temos sono não existiria se alguém não tivesse impregnado imaginação a favor da sua construção.

Sete meses separam-nos do início da construção do projecto em que estamos envolvidas. Houve já um "Almoço Às Cegas". Houve já um "Ciclo de Cinema". Houve já muito feito (não esquecendo o que ainda falta fazer...). E houve já uma maratona de entrevistas que nos fizeram parar... Para ver. E para pensar. No decurso de uma dessas entrevistas (que mais resultou numa conversa informal), fomos dito por um invisível viseense o seguinte: apesar de não conseguir ter à sua disposição indícios visuais que lhe facilitem o conhecimento imediato de um alguém com quem contacta (as suas expressões faciais, a forma como gesticula, o modo como se veste, entre muitos outros aspectos facilmente



«Há homens que lutam por um dia e são bons.
Há outros que lutam por um ano e são melhores.
Há outros, ainda, que lutam por muitos anos e são muito bons.
Há, porém, os que lutam por toda a vida,
Estes são os imprescindíveis.»

Bertolt Brecht

apreendidos por um normovisual), é-lhe fácil atribuir-lhe um certo rosto. "Todas as vozes me sugerem um rosto... Todas as pessoas para mim têm um rosto", confidenciou-nos.

Das três das partes constituintes da nossa pretenciosa mente (o saber, o sentir e, finalmente, o agir), esta é a segunda.

Pare para ver. Pare para pensar. ■

Lights On, Vamos Acender As Luzes
Área de Projecto, 12.º B

CÂNTICO ADORMECIDO

Madrugada,
orvalho, duro de cansaço
peças do dia de ontem
espalhadas no regaço,
afogadas em lágrimas
e perfumes já gastos, sem odor.
A ausência de amor
é uma penosa presença
e a frágil culpa incerta
mantém a memória desperta.
Fecho os olhos,
agridoce descanso temporário.
Talvez acorde um dia
e as olheiras, negras de mágoas,
desapareçam nas calmas águas
de um coração sereno.
Até lá, deixo coberto
o descoberto,
ignorando o resto.

Preciso de paz
De silêncio calmo
pois já não sou capaz
de aguentar o barulhento
grito despido de palavras
armado de ameaças;
um grito de guerra
num lugar desabitado,
não pergunta, não desafia,
não há sim nem não;
e, depois de esperar escondido,
assassina a voz da razão.

Margarida Tomé, 10º G



IMAGINA...

UM PALMO E MEIO DE DIFERENÇA

Era uma vez um grupo de alunos que, reunidos em torno da necessidade de construir um Projecto, sonhou ir um pouco mais longe... Sonhou participar na construção de um mundo igualitário e quer fazer parte de uma sociedade mais justa, onde a diferença é sinónimo de riqueza na grandiosa dimensão que é a diversidade humana.

E porque a construção deste sonho feito Projecto precisava de ser alargado e de ganhar força com o encontro e associação de outras vozes e de outros quereres lançámos o desafio a outra Escola. Com a adesão do Agrupamento de Escolas de Marzovelos abriram-se, de par em par, janelas de oportunidades. A colaboração da Escola Básica João de Barros deu-nos a visão de um mundo novo. Permitiu-nos conhecer uma turma que superou os nossos desafios – o 6ºA. Vimos transformados em actos e em vivências os conceitos multifacetados da inclusão. Numa turma de alunos todos eles diferentes na sua forma peculiar de pensar e diferentes no seu modo de estar e de participar, conhecemos vários “muito especiais”. Para além de partilharem esta nossa quimera, revelaram-nos o seu secreto sonho de colorir e abrilhantar este nosso “pedaço de mundo”, de expandir os horizontes e mostrar que as incapacidades de cada um não devem vender as suas verdadeiras habilidades.

Em conjunto, num clima de proximidade e de muita cumplicidade e diversão, metemos mãos à obra com a realização de algumas actividades. A primeira implicou o visionamento do filme “Atrás das Nuvens”, o primeiro filme adaptado para crianças invisuais e não ouvintes.

Seguiu-se “O Dia dos Balões”, em que as janelas da Escola Secundária foram revestidas pelas cores do arco-íris e cada balão encerrou uma mensagem que cada aluno descobriu e partilhou em voz sonante. Citamos uma das mais marcantes, que motivou um silêncio colectivo que envolveu toda a atmosfera humana escolar. A autora é Hel-



len Keller: “Não há barreiras que a mente humana não possa transpor”.

A última actividade, na qual se pretende fazer tradução da música “Imagine” de John Lennon, com o recurso à Língua Gestual Portuguesa, numa perspectiva de recreação do momento apresentado na série “Glee”, foi a mais contagiante. De facto, a adesão da turma e do corpo docente de Marzovelos foi de tal forma extraordinária que decidimos catapultá-la para o bar da nossa escola no passado dia 10 de Março. A música foi declamada por uma dupla invejável, o Guilherme Gomes, um aluno da nossa escola, e, o Duarte, um aluno da escola João de Barros – cada um deles brilhante nas suas capacidades, diferenças e participação. Em poucos minutos, o bar ficou repleto de espectadores. Alunos de diferentes turmas e anos de escolaridade, Professores, Funcionários e Encarregados de Educação propuseram-se a imaginar connosco “Imagine all the people sharing all the World”.

Acreditamos veementemente que quando colocamos a nossa imaginação – enquanto criatividade e expressão máxima da nossa inteligência – ao serviço do outro, das suas capacidades, em atitude de aproximação e de construção do potencial humano individual, então, juntos, somos capazes de derubar as barreiras que limitam a inclusão... INCLUIR não será assegurar que TODOS e CADA UM PARTICIPE?... Afinal, entre todos nós, existe apenas Um Palmo e Meio de Diferença...

Obrigada

Um Palmo e Meio de Diferença, 12º B

HÁ VIDA PARA ALÉM DO INFERNO

OS MITRAS: UM ESTILO PARA CAUSAR DIARREIA

Os políticos são como as fraldas: devem ser mudados com frequência pelas mesmas razões» - Eça de Queirós

Ora bem, esta crónica do «Há Vida para Além do Inferno» é tramada, tem como alvo pessoas que andam na moda e que se gabam que são os mais giros de toda a comunidade. Por isso, esta crónica vai ser um artigo de opinião que «paga a bolhagem» e que irá «rebentar» os miolos de todos os senhores e de todas as senhoras que são docentes, que escrevem artigos desinteressantes em jornais, para jovens como eu. É incrível e impressionante que se vejam na rua jovens que imitam estilos de moda das suas celebridades preferidas, que se gabam das suas extravagâncias dizendo aos outros que são maiores do que. O problema é que esses jovens não ouvem o que os seus pais dizem e só se querem vestir e pentear de uma forma mais que plagiada. Estes tempos poderão provavelmente nunca mudar graças a desgraças como a série «Morangos com Açúcar», as canções do Justin Bieber, o Partido Socialista, o Primeiro-Ministro José Sócrates e o seu Governo, ou a programação da TVI.

Pois bem, o estilo juvenil de escola de que vou falar nesta crónica é o estilo dos «mitras». O «mitra», como vemos nas ruas e na escola, tem as seguintes características: tem a mania de copiar o visual dos jogadores de futebol, tem a pele bronzeada, tem madeixas louras, usa gel no cabelo, usa a mala no torno da cintura, tem uma vida social activa com outros «mitras», vai às discotecas regularmente, usa brincos de diamante e meias por cima das calças, faz essencialmente depilação integral, entre outras características ridículas. Os «mitras» são uma mistura entre «dread» e «beto» com apetites musicais pelos géneros House, Hip-Hop, Techno, Kizomba, Pop e R&B; são facilmente encontrados em grupos, em discotecas, em centros comerciais, em bares,



em estações de camionagem, em paragens de autocarros, em zonas maioritariamente frequentadas pelos jovens ou em outras zonas marginais em que dão biqueiros a um puto, com metade do tamanho deles, para roubarem do bolso do rapaz uns “trokos para o telemobile”.

E, claro, os «mitras» adoram as redes sociais da Net (casos especiais do Hi5 e do Facebook). Temos o caso de uma rapariga chamada Katia Bernardes de Coimbra, apelidada de «Mitra Telecinética», que diz «tipo xou mt divertida, adoro fazer amizades, gost mt d brincar.....adoro comer doces, hum.....xair a noite...» ou «xei la algo k kremos mt e n é poxivel realixar pela nxa cabexa.....». Só tenho uma coisa a dizer à Katia: minha cara amiga, não escrevas frases que sejam relacionadas com cabeças e que alguém possa dizer que queria andar de mota mas pela cabeça não daria, está bem? Enfim, os «mitras» – tenho que admitir – têm uma vida social mais activa do que uma certa estrela musical que, em sessões fotográficas, se disfarça de homem e que, nos seus tempos livres, vende mais pinheiros, motosserras e discos infantis de cariz educativa do que o Aki e a Fnac juntos, como é o caso muito delicado da Lady Gaga (que até certas pessoas «geeks» e «freaks» conseguem resistir dessa gripe .(!«tão ameaçadora chamada «Gagafever» Só para finalizar: os «mitras», bem como os “dreads” e os “chungas”, só sabem mandar matracas quando estão no momento errado, porque eles estão cheios de pressa em tagarelar, enquanto querem não ouvir a frase daqueles que não querem ouvir as parvoíces deles: «Cala-te!». Vamos todos então rezar a Deus e a Nossa Santa Pechenica para que os «mitras» possam ir às suas casas e se arrependem da vida que têm! Tenho dito. ■

Jorge Lopes, 11º N



HAMLET SOU EU

Esta performance do Teatro Praga propôs um desafio de descoberta e representação de possíveis “cenários” teatrais para a história da peça Hamlet de William Shakespeare.

No Teatro Viriato, a Cláudia Jardim e o Diogo Bento contaram a história aos alunos do 7º ano A e B, envolvendo-os na narrativa e propondo-lhes uma participação activa. Muito activa, mesmo. Hamlet sou eu. Não, não, eu é que sou!

Seguiu-se uma viagem fantástica até ao palco, onde, com a ajuda da música, das luzes, dos adereços e ... da Cláudia e do Diogo (muita ajuda!), se recontou a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai Hamlet, o rei, executando o seu tio Cláudio, que o envenenou e em seguida usurpou o trono, casando-se com a mãe de Hamlet.

Concepção - Cláudia Jardim, Diogo Bento e Pedro Penim

Interpretação - Cláudia Jardim e Paulo Bento

Apreciação dos alunos:

Quando cheguei ao teatro pensava que ia ver uma peça de teatro comum e fiquei muito surpreendida pela positiva, porque foi uma ótima experiência!!!

Adorei os recursos utilizados pelos actores. Foram uma ótima motivação para o público.

Os actores relacionaram-se muito bem connosco. Foi das melhores peças que já vi!!!

A ideia de convidarem os alunos a participar no teatro foi muito bem pensada. A representação improvisada, feita por nós, foi um momento alto da peça. (In Fichas de avaliação da actividade) ■

Natividade Reis

ENGENHEIRO DO MEU MUNDO

Se eu fosse pintor,
Pintaria a terra de cor.
A Natureza verde ficaria.
O cinzento jamais usaria!

De azul coloriria o mar,
Apagaria a poluição.
Guerras nem pensar!
Todas as raças poria a amar!

Pintava o mundo ideal,
Colorido só com paz e amor,
A vida seria sensacional!

Mas, como não sou pintor,
Engenheiro poderia ser
Do mundo que quero ter!

Afonso Pedro Fazenda do Couto, 7ªA

CONCURSO “FAÇA LÁ UM POEMA”

Procurando incentivar o gosto pela leitura e pela escrita de poesia, o concurso *Faça lá um poema* destina-se aos vários níveis de ensino.

O júri constituído para apreciação dos poemas submetidos a concurso na Escola decidiu, por unanimidade, seleccionar os seguintes poemas: *Dúvidas*, de David Bastos -10ºJ e *Engenheiro do meu mundo*, de Afonso Fazenda do Couto - 7ºA

A Professora bibliotecária, Maria Elisa Almeida

DÚVIDAS

Se há palavras? Não sei, calei.
Se o caminho é longo de mais para as minhas pernas?
Talvez, mas andei.

Devo ter andado,
Perdido na iminência de querer saber,
Mas sem nada saber, andei.

Talvez por não ter explicação para o que passa,
Tentei encontrá-la, arrancá-la à razão.
Se consegui? Não, mas tentei.

Apenas me fiquei pelo tentar, sem conseguir...
E sem conseguir, baixei-me,
Perdi-me.

Tento seguir a luz,
Mas ela perde a chama, lentamente.
A mesma chama que me seduzia, naquela dança cor-de-fogo.

Choquei contra o nada.
Apalpei o vazio.
Ouvi o silêncio, que me embalava na sua solene canção.

Mas a canção calou-se.
As palavras, tal como as explicações que pedi,
Morreram.

Tudo desapareceu,
Desvaneceu-se.
E o peso que ainda carrego às costas,
É o peso das minhas dúvidas.

David Bastos, 10ºJ

‘DICAS’ PARA O FUTURO UNIVERSITÁRIO

Não parece, cada vez mais, que o tempo passa a correr e nos escapa por entre as mãos? Ainda ‘ontem’ brincávamos no recreio sem grandes preocupações e hoje estamos a escassos meses de sairmos das casas onde sempre vivemos para nos aventurarmos, em novas cidades, no mundo universitário.

O confronto com esta nova realidade implicará escolhas e decisões que vão ter repercussões no resto das nossas vidas.

Iniciamos uma introspecção em que, acompanhados da nossa família e amigos, procuramos o curso que poderá ser o início daquilo que viremos a fazer por muitos anos, talvez até mesmo ao longo de uma vida.

São vários os factores que devemos ter em conta. Hoje em dia, não só pesamos ‘na balança’ os nossos gostos e aptidões pessoais mas também um conjunto de factores socioeconómicos, pelo que é certo que uma formação ao longo da vida é uma exigência crescente no mercado de trabalho.

É preciso considerar as saídas profissionais do curso que é do nosso interesse e até do prestígio e acreditação das várias universidades que o oferecem. A sua dimensão internacional e a parceria com escolas estrangeiras devem ser tidas em conta, principalmente se nos interessamos pelo programa Erasmus. Este, pode ser um instrumento importante nas nossas qualificações e para o nosso enriquecimento pessoal.

Não podemos perder de vista que há universidades que dão uma formação mais académica e teórica, enquanto outras, apostam uma formação mais interventiva e próxima da realidade. Assim, devemos tentar obter o máximo de informação sobre as disciplinas do curso, falando com pessoas que estejam a frequentá-lo ou que o tenham frequentado recentemente.

Não devemos esquecer-nos de contactar com pessoas que trabalhem na área que desejamos, para que possam elucidar-nos sobre as possibilidades de trabalho e até procurar entidades que possam prestar-nos esclarecimentos suplementares.

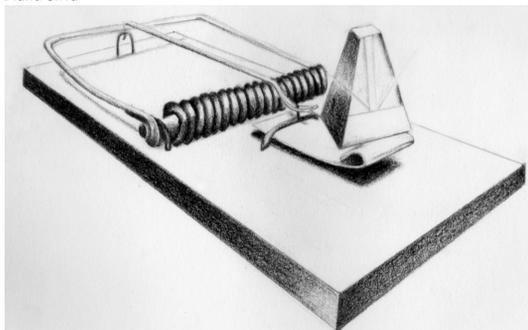
Há cerca de 4880 cursos disponíveis em Portugal e depois de analisarmos aqueles que nos interessam e as cidades onde existem, é sempre importante manter opções em aberto pois as nossas médias podem não ser suficientes. Devemos ter em atenção também as provas de ingresso para cada um desses cursos.

Esta deve ser uma escolha ponderada e consciente em que devemos munir-nos de toda a informação que conseguirmos, de modo a conciliar o que mais gostamos e nos motiva com uma perspectiva adequada à realidade. Vamos assim no caminho de um futuro de sucesso e realização pessoal. ■

Rita Pereira, 12º N



Diana Silva



No KOunt

In this project I took several aspects into account which I'd like to speak about, such as: Stop Time, the constant obsession faced by man, some kind of trap, in which we are caught by time. ■



Authors: Edna Loureiro & Ana Patricia Goncalves

Urban Time

how psychological time and physic space relates , the ambiguity of past and present ■

'Rotating Environment'

Based on the concept time/space, I came up with the idea of relating these two concepts using music and the surrounding environment.

The film is based on a continuous music that is played through the entire movie representing someone's life. As life passes by, the world around us spins at different velocities, sometimes faster, other times slower, according to how we feel the place we are in, the feelings it transmits and the memories it reminds us. So, the several places in the film are spinning around me according to the way they make me feel. ■



Carolina Carvalho

Alguns trabalhos seleccionados de alunos da ESAM para a representação portuguesa na trienal de Arte Jovem Eksperimental! (<http://www.eksperimenta.net/>).

A Trienal acontecerá entre 26 de Abril e 14 de Junho de 2011, em Talin, fazendo parte integrante do programa da Capital Europeia da Cultura 2011. Decorrerá nos espaços interiores e exteriores do Song Festival Grounds. Foram seleccionados catorze trabalhos de alunos da ESAM para integrarem a mostra de arte jovem portuguesa : Diana Filipa Campos dos Santos Silva com a instalação 'No KOunt' ; Ana Patricia Gonçalves e Edna Loureiro com o filme 'Urban Time'; M^o Carolina A.F. Carvalho com o filme 'Rotating Environment'; Ana Sofia ferreira, Claudia Egito e Mariana Cruz com a instalação sobre o ensino em Portugal; Inês Filipa Santos Villares com um objecto tridimensional sobre energia; Sofia Filipe com uma instalação sobre falta de espaço 'Uma necessidade, um desejo, uma vontade'; Lea Ferreira Rego com o filme de animação 'Space End'; Sara Alexandra Carneiro com a fotomontagem ' Dead Line; Rui Filipe Amaral Almeida com a instalação 'Cena do Crime'; Carmen Cardoso com um objecto metafórico; Beatriz Lopes com uma escultura intitulada 'O Meu Mundo'; David Castanheira com uma performance sobre desenho e Maria Manuela Correia com a instalação ' Jardim de relógios' . ■

Teresa Eça



Diana Silva



Inês Vilares



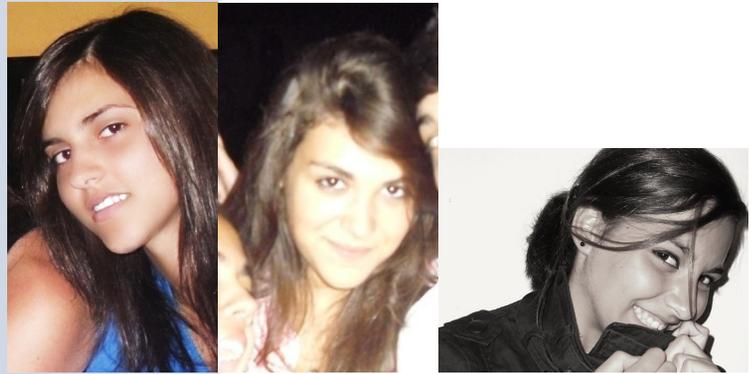
Author: Ines Vilares, Age: 15, Sex: Female, Region: Viseu, Portugal

"The energy of times"

In my work, I tried to represent evolution through several elements, it was executed with bulbs of varying sizes.

The elements are: the evolution of continents, the evolution of Man, the evolution of the instruments of time measuring, the evolution of food ,the evolution of the means of communication, the evolution of radio, the light evolution, the evolution of dumps, the evolution of energy production and the evolution of cities.

For the elaboration of this project I needed 25 lamps of 4 different sizes, a 90x60 canvas, 2 dimmers, 25 sockets, electrical wires, a liner to the contour of the designs represented in light bulbs, paint for glass of various colors to paint the same, brushes, mass to fill holes and cracks and a black spray. ■



"Teaching in Portugal, nowadays"

Our project is a model that represents, in our point of view, the education in Portugal.

In our view, education in our country is disorganized and to show that one of the model's chair is hanging and misaligned compared with the others.

The education is a bit sloppy too, so there is a black board with an impossible equation.

For us, teaching in Portugal needs a turnaround so our model is, basically, a class room turned upside down. The mirrors, represented by silver cardstock, shows that students and teachers have to look at themselves to rectify their own mistakes.

In our project there is no teacher's desk, which signifies the lack of authority and respect inside the classroom walls. To make the projects we needed thin wooden boards for the walls and ceiling and balsa wood for the tables, chairs and details (supports). It was also needed: white paint, nylon (for the hanging chair), black cardstock for the black board and glue to fix all the pieces. ■

Mariana Afonso, Melodie Lopes, Marta Almeida -10ºS



Author: Sara Carneiro, Age: 16, Sex: Female

Dead Line

In Greek mythology three goddesses, the Moirae sisters, were responsible for determining both god and human destiny. They're task consisted to produce, weave and cut what would be the "thread of life" for everybody.

Here, I decided to recover the magic of this legend by bringing it to the modern times under the form of contemporary Art.

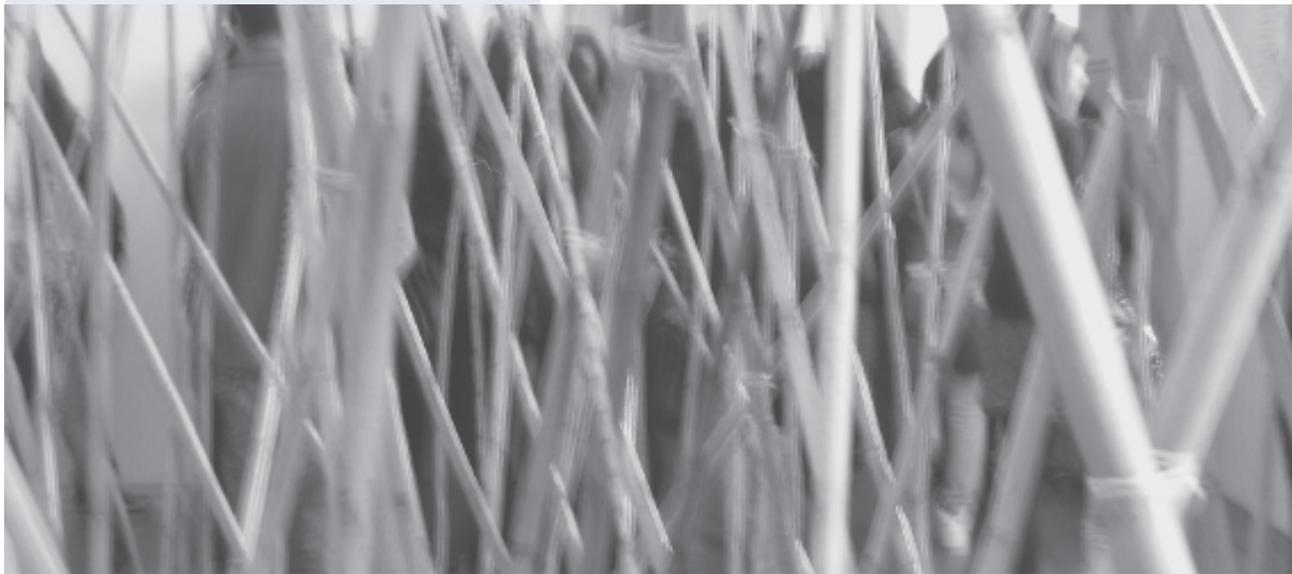
Thus, for me, the moment that would be an ideal representation of "Time and Space" is the exact instant where the third Moirae, Átropos, cut that thread.

By using a digital camera, old tailor scissors and a spiral line it was possible to transpose onto my work a sense of calm of that "thread" but at the same time the strength and ruthlessness of the scissors in the Goddess' hand. The final work consists of six photographs (44.2x32.4cm) in sepia tonality (which refers to the old space), distributed in two columns, on glossy photographic paper under k-line plates.

The work presented here is entitled: "Dead Line" ["Linha Morta" in Portuguese]. I

thought it was a simple and clear way to "uncover" the true meaning of my piece, without taking away the interest of it. ■





ANOTHER BRICK IN THE WALL

Todos nós, que vivemos sob a égide de uma sociedade normativa e, conseqüentemente, regida, através desses padrões, por si própria, acabamos por acreditar - porque isso é o mais confortável - que o nosso papel enquanto cidadãos se encerra no acto de manter a coesão e o equilíbrio, através do respeito pelas normas e regras vigentes.

Assim, com o objectivo de manter a sociedade que, de raiz, nos protege, regulada e equilibrada, tendemos a seguir o espírito, o acto, a crença e o pensamento do grupo. Tendemos a conformar-nos. E, de facto, tendemos a discriminar, sufocar e desvalorizar quem não actua, tal como nós, deste modo. Mas a verdade é que a sociedade, através dos movimentos sociais organizados, tem uma força espectacular. Rendemo-nos muito rapidamente à ideia positiva que nos é transmitida pelo conceito de pacificidade e de unanimidade. Esquecemo-nos, contudo, que nenhum destes conceitos nos leva a algo melhor, e ainda mais confortável do que o que estamos a experimentar. A coesão pode ser positiva, mas não há, nem nunca houve, evolução sem ideias distintas das que inicialmente considerámos, já que são precisamente as divergências, os obstáculos, que nos levam a reflectir e a questionar acerca do que é por nós (ou, noutra perspectiva, pela maioria) considerado como certo e viável. O silêncio e o conformismo da maioria tende à letargia e à sensação de que nada pode ser melhor do que está. Pelo contrário, os comportamentos inconformistas, geradores de inovação, acabam muitas vezes por ser integrados pelo sistema social; é neste instante que se pode afirmar que demos passos no sentido da edificação de uma sociedade melhorada e que integra padrões éticos e de comportamento ou de relações socialmente mais justos.

A título de exemplo, é fácil de nos apercebermos de que, na maior parte das vezes, a juventude cumpre um papel muito importante nestes processos. A juventude

traz, na sua própria natureza, a inquietação, o não conformismo com o "status quo", o sentimento de que há sempre algo mais a ser feito. Infelizmente, a sociedade procura, tal como no "Another Brick In The Wall", dos Pink Floyd, sufocar e tolher, através das suas instituições, estes sentimentos juvenis, que aqui constituem as concepções, as atitudes e comportamentos que não se incluem no conjunto de expectativas e normas da sociedade que as rodeia. Assim sendo, são poucos os que se mobilizam, os que assumem lutas em defesa das suas próprias crenças e que fazem recordar os outros que nem sempre a verdade está do lado da maioria, como já se veio a constatar ao longo da história da humanidade. Quando isto acontece, estes, que não se tornaram mais um "tijolo na parede", acabam, através da força que a resistência lhe proporcionou, por ser agentes de mudanças na sociedade, sendo o seu papel imprescindível.

Inês Tavares, 12.º B



COLISÃO COLISÃO COLISÃO

Todos os dias, nos cruzamos com milhares de pessoas, que em nada são iguais umas às outras. Tal como as vielas, ruínas que se cruzam e recruzam, vezes sem conta, interagindo nos seus cheiros e sons. Nestes encontros, por vezes insignificantes, estão presentes sentimentos, ideias, preconceitos que de vez em quando nos levam a construir, relativamente a alguém, uma impressão errónea. Quem não julgou, injustamente, determinado indivíduo apenas pela sua aparência, pela expressão oral ou comportamental? Somos humanos. E embora não devesse ser assim, somos seres marcados por comportamentos preconceituosos e até mesmo discriminatórios. Se bem que não deveríamos usar esta fragilidade biológica para nos desculparmos. O filme colisão funciona como uma espécie de "abre olhos" para todos aqueles que por se julgarem superiores, por motivos económicos, raciais, pelos cargos desempenhados na sociedade, ou até mesmo sexistas menosprezam aqueles que consideram serem inferiores. Seja através de olhares de desprezo, abuso de poder devido ao cargo exercido, podendo mesmo chegar a tentativas de homicídio.

Assim, devemos tentar evitar todo o tipo de comportamentos deste género para que no futuro, não sejamos surpreendidos pelas assustadoras dimensões das nossas acções. Na história da vida, nem sempre aqueles que consideramos heróis se revelam, sendo que, por vezes, acabamos por ser socorridos por outros já catalogados como sendo vilões. Aqueles que mesmo sendo por nós mal tratados, discriminados, não hesitam em estender a mão nos momentos em que mais precisamos.

É deste modo que o filme, através da apresentação de vidas que se cruzam de modo tenso e conflituoso faz passar a mensagem de que a vida não é recta. Feita de caminhos sinuosos e perigosos expõem-nos a situações de elevada tensão que não podem ser agravados pela facilidade com que cedemos à construção de impressões marcadas por estereótipos negativos que nos fazem julgar erroneamente os outros, agindo de modo incorrecto. ■

Laura Fidalgo Ribeiro, 12ºB